

O CORPO REIVINDICADO: IDENTIDADE E CIDADANIA COMO MEDIAÇÕES DO ATIVISMO GORDO

THE CLAIMED BODY: IDENTITY AND CITIZENSHIP AS MEDIATIONS OF FAT ACTIVISM

EL CUERPO REIVINDICADO: IDENTIDAD Y CIUDADANÍA COMO MEDIACIONES DEL ACTIVISMO GORDO

Bianca Xavier
Lara Lima Satler¹

Resumo

Este artigo analisa a interseção entre o ativismo gordo, identidade e cidadania, utilizando o modelo teórico-metodológico de Jesús Martín-Barbero. A pesquisa, que adota a perspectiva da comunicação e da cultura, examina o corpo reivindicado pelo movimento gordo, abordando as questões que afetam as pessoas gordas e as demandas de ativistas da causa. Trata-se de uma revisão bibliográfica, que permite articular referenciais teóricos e debates já produzidos sobre o tema. A autora se aproxima do estudo com um olhar pessoal e comunicacional, destacando a importância da prática comunicativa na construção de identidades, influenciadas pelos meios de comunicação. O trabalho dialoga com a obra de Martín-Barbero para articular suas mediações ao ativismo gordo, com o objetivo de entender como as resistências do movimento desafiam normativas sociais e midiáticas, promovendo uma cidadania cultural inclusiva e uma mídia mais representativa e emancipatória para todos os corpos.

Palavras-chave: ativismo gordo; mediações; identidade; cidadania; mídias sociais.

Abstract

This article analyzes the intersection between fat activism, identity, and citizenship, using the theoretical-methodological model of Jesús Martín-Barbero. The research, grounded in the fields of communication and culture, examines the body as claimed by the fat movement, addressing the issues that affect fat people and the demands raised by activists of the cause. It is a bibliographic review, which enables the articulation of theoretical frameworks and debates already developed on the subject. The author approaches the study from a personal and communicational perspective, highlighting the importance of communicative practices in the construction of identities influenced by the media. The paper dialogues with Martín-Barbero's work to articulate his mediations with fat activism, aiming to understand how the resistances of the movement challenge social and media norms, fostering cultural citizenship and promoting a more representative and emancipatory media for all bodies.

Keywords: fat activism; mediations; identity; citizenship; social media.

Resumen

Este artículo analiza la intersección entre el activismo gordo, la identidad y la ciudadanía, utilizando el modelo teórico-metodológico de Jesús Martín-Barbero. La investigación, que adopta la perspectiva de la comunicación y la cultura, examina el cuerpo reivindicado por el movimiento gordo, abordando las cuestiones que afectan a las

¹ Pós-Doutorado em Estudos Culturais, no Programa Avançado de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutorado em Arte e Cultura Visual (PPGACV/ FAV / UFG), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), em 2016. Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, em 2007. Pós-graduação em Filosofia Política pela Universidade Católica de Goiás (2005). Graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Goiás (2001). Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG), na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), onde coordena o Projeto de Extensão Aspas Produtora Colaborativa e o Projeto de Pesquisa em época de espetáculo do eu, cabem narrativas coletivas?, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI / PRPG-UFG / CNPq).

personas gordas y las demandas de las activistas de la causa. Se trata de una revisión bibliográfica que permite articular referentes teóricos y debates ya producidos sobre el tema. La autora se aproxima al estudio con una mirada personal y comunicacional, destacando la importancia de la práctica comunicativa en la construcción de identidades influenciadas por los medios de comunicación. El trabajo dialoga con la obra de Martín-Barbero para articular sus mediaciones al activismo gordo, con el objetivo de comprender cómo las resistencias del movimiento desafían las normativas sociales y mediáticas, promoviendo una ciudadanía cultural inclusiva y unos medios más representativos y emancipadores para todos los cuerpos.

Palabras clave: activismo gordo; mediaciones; identidad; ciudadanía; medios sociales.

1 Introdução

Mariléa de Almeida (2021) defende que “teoria é cura”. Em seu trabalho, ela bebe de Bell Hooks para criticar a assepsia e a objetividade que normalmente se impõe às pesquisas acadêmicas, nas quais pesquisador e objeto devem manter certo grau de distanciamento. Sua crença é de que quando refletimos sobre nossas experiências – sobretudo as de caráter oprimido –, estamos tornando visíveis questões coletivas, pois tudo é produzido no social. Assim, “teorizar e recuperar a voz silenciada são práticas de *autorrecuperação*” (Almeida, 2021, *online*), são formas de reunir as partes que foram fragmentadas pela opressão, da invisibilidade, da rejeição e do medo e tentar a cura pela fala.

Fazer a transição do silêncio para fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma experiência de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta (Hooks, 2019, p. 38)

Simpática a essa perspectiva e amparada na premissa de que a escolha da voz na escrita científica é também política, formativa e autoformativa – uma herança dos estudos decoloniais –, faço uso da primeira pessoa neste trabalho. Em alguns momentos, no singular – quando se trata de uma intervenção direta, como feito nesta introdução –; em outros, no plural – quando o diálogo é mútuo, ou seja, quando ecoou a voz de outras mulheres inscritas em minhas considerações. Nesse contexto, utilizo a *autorrecuperação* (Hooks, 2019) como forma de resgatar essa voz coletiva sob a qual me debruço. É importante ressaltar que a obra de Bell Hooks se debruça sobre a experiência de mulheres negras; no entanto, a apropriação do conceito de *autorrecuperação* se dá aqui com o devido respeito e consideração, reconhecendo na busca por voz e validação da identidade gorda uma jornada paralela de resistência contra a violência simbólica. Por fim, pesquiso sobre ativismos de corpos gordos porque acredito em uma prática comunicativa emancipatória e inclusiva desses.

Como mulher que habita um corpo que sofreu violências simbólicas durante toda a vida por conta de sua forma física, autorizo-me a pensar e escrever sobre gordofobia.

Contudo, a urgência desse tema transcende a experiência individual, pois a gordofobia é um fenômeno grave, comprovada por números alarmantes: 97,8% dos brasileiros gordos já sofreram algum tipo de preconceito por sua configuração corporal (Rezende, 2022). O impacto se manifesta na saúde – 70,1% relatam atendimento médico negligente e 82,9% enfrentam sintomas de ansiedade decorrentes do preconceito (Rezende, 2022) – e na invisibilidade midiática: apenas 4% das publicações de grandes marcas em redes sociais continham a presença de corpos gordos em 2021, apesar de 55,7% da população brasileira estar acima do peso (Constantino, 2022).

Nesse contexto, o ativismo gordo ergue-se como uma luta essencial pela representação, reconhecimento e acesso, reivindicando o direito à cidadania plena. Assim, esta pesquisa se constrói pela simpatia com essa causa, buscando unir a voz da autora à dessas pessoas, e fazer a sua parte como comunicadora. Escrevo com a intenção de contribuir para a emancipação desses corpos no contexto das mídias digitais – tão carentes de reflexão sobre os papéis e a representação dada a esses corpos – e tendo como guia a reivindicação de mais espaço de visibilidade, reconhecimento e participação nos circuitos comunicacionais.

Neste texto, nosso foco recai sobre a obra do cartógrafo Jesus Martín-Barbero e o seu modelo teórico-metodológico das mediações em diálogo com o ativismo gordo. O pesquisador espanhol-colombiano dedicou sua vida a estudar o enlace entre a cultura e a comunicação na América Latina, traçando avenidas conceituais que ora se afastam ora se cruzam (Bonin; Morigi, 2019). Para este trabalho, não centralizamos nenhuma de seus mapas ou obras propriamente ditas, mas o estudo de temas de interesse para a pesquisa.

Sendo assim, utilizamos como principal fonte a obra *Um novo mapa para investigar a mutação cultural: Diálogo com a proposta de Jesús Martín-Barbero* (2019), editado por Omar Rincón e organizado por Nilda Jacks, Daniela Schmitz e Laura Wottrich. Esse livro sistematiza de forma muito promissora as mediações mapeadas por Martín-Barbero ao longo dos anos, recuperando não apenas a bibliografia do autor, como entrevistas com o mesmo para conceituar cada uma delas. Além de organizar as ideias do cartógrafo, o grupo² propõe um diálogo que facilita a compreensão de diversos fenômenos contemporâneos, como o que trataremos adiante.

Colocando em pauta o ativismo gordo, logo de cara é possível inferir relação com muitas – *senão todas* – das mediações do pesquisador. Contudo, para que possamos construir

² É importante destacar que a obra divide-se em capítulos com autorias diferentes – embora inscritos no mesmo assunto. Compreendendo a importância de cada estudo para o todo, optamos por destacar os nomes dos autores da contribuição em questão a cada citação (Bonin; Morigi; Sifuentes; Zanini,), não reduzindo a referenciar apenas os organizadores. Contudo, nas referências, constará apenas a obra completa, uma vez que foi lida de forma integral para a construção do trabalho.

uma discussão teórica mais aprofundada e que respeite o espaço do artigo, propomo-nos a pensar primeiramente nos conceitos de *identidade* e *cidadania* cunhados pelo autor. Utilizamos do método de revisão bibliográfica para construir um diálogo entre a teoria barberiana e o corpo reivindicado pelo ativismo. Separamos, portanto, este trabalho em duas grandes partes: na primeira, enveredamos pela noção de identidade, relacionando-a aos conceitos de *imagem*, *corpo* e *representação*; na segunda, aprofundamos no movimento enquanto luta, sinalizando a cidadania almejada por esses autores sociais. Por fim, trazemos a conclusão dos atravessamentos propostos.

Com isso em vista, desejamos entender como são articuladas as resistências que atuam pela inconformidade dos corpos e as suas demandas por justiça social, igualdade de direitos e inclusão por meio de práticas discursivas e ações políticas, aspectos fundamentais da cidadania barberiana. Além disso, visamos refletir sobre a importância da representação positiva e da visibilidade na construção de identidades gordas.

2 Corpo (in)visível: a identidade partilhada

Esta seção estabelece o alicerce conceitual da pesquisa. Exploramos as relações entre corpo, imagem e representação sob a perspectiva de autores que sustentam a crítica à hegemonia estética. Em seguida, aprofundamos o conceito de identidade, analisando-o em diferentes perspectivas teóricas para, finalmente, focalizá-lo sob a mediação de Jesús Martín-Barbero.

2.1 Ponderações iniciais

Neste primeiro momento, desejamos estabelecer um breve panorama sobre a relação entre corpo, imagem e representação, três dimensões que julgamos bastante importantes para compreender a noção de identidade e sua operação como mediação. Embora existam diversas outras teorias que abarquem esses dois conceitos, vamos nos deter no vínculo com a mídia, sobretudo nas práticas comunicativas e a sua influência para com a forma com que nos vemos e vemos os outros – nas representações sociais. Não porque acreditamos que, sozinha, a mídia consiga nos manipular de tal maneira que obstrua as faculdades críticas, mas porque acreditamos que os espaços midiáticos auxiliam fortemente na construção da identidade e da representatividade no mundo contemporâneo.

O teórico brasileiro Norval Baitello Junior (1998) defende que a instância *corpo* é fundante para o processo comunicativo, pois é com ele que se conquista, ao mesmo tempo, a

verticalidade – a dimensão do espaço que configura as codificações do poder – e a horizontalidade – a dimensão das relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria de seu próprio espaço e de seu próprio tempo de vida, compartilhando-os com outros sujeitos; mas é também nesse estabelecimento de vínculos – materiais ou simbólicos – que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida de outras pessoas.

Em sua discussão sobre ideologia, o também brasileiro Pedrinho Guareschi (1998) apresenta uma visão muito semelhante ao falar sobre como as formas simbólicas são usadas e transformadas em contextos sociais específicos para atender a determinados fins. Ele diz que essa concepção nos obriga a examinar as maneiras como as relações sociais são criadas e sustentadas por formas simbólicas que circulam na vida social, aprisionando as pessoas e orientando-as para certas direções. Essa relação de poder é interessante para pensarmos como o corpo gordo vem sendo subjugado pelo corpo magro ao longo da história – não toda a história, devemos destacar³ –, levado a se conformar a uma lógica que vai muito além da aparência física dos indivíduos.

Essas formas simbólicas podem vir a ser o que Baitello Jr. (2014) chama de imagens. Na era da iconografia, nome que dá à atualidade da reprodutibilidade técnica⁴, as imagens passam a ocupar todos os espaços bidimensionais do mundo do homem, exercendo uma pressão irresistível sobre os corpos verdadeiros – tridimensionais, palpáveis, táteis, históricos, portanto, sujeitos ao tempo e ao envelhecimento. Para o autor, a coerção para transformar pessoas complexas, corpos vivos, em imagens torna-se a cada dia mais forte, como uma forma estratégica de conquista que determina uma nova ordem social. Isso corrobora com o que a pesquisadora brasileira Claudinéia Valim (2017, p. 25) reflete em seus estudos sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira:

O corpo informa e se comunica por diferentes meios, seja pelo vestuário, por seu formato anatômico (curvas, volumes, estatura etc.) e por padrões estéticos. Ele está sujeito a regimes de olhar e de dizer da sociedade que criam condições de possibilidade para a sua própria existência e aos modos de atuação social, cultural, estética e política; com isso, reserva-lhe condições de existência para ocupar certas posições e não outras.

³ Seria de grande valia traçar uma linha do tempo acerca da representação do corpo gordo na cultura ocidental, mas para fins deste trabalho, vamos pontuar a discussão a partir da consolidação dos meios de comunicação de massa, no século XX. Se deseja adentrar mais nessa discussão, indico o trabalho *As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje*.

⁴ Esse termo ganha destaque a partir do ensaio *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* publicado pela primeira vez em 1936, e, posteriormente, em 1955, do sociólogo alemão Walter Benjamin.

Se pensamos nas revistas femininas do século XX, fica fácil compreender do que a autora e os autores estão falando. Muitos pesquisadores se dedicaram a estudar como as imagens, os discursos e as mensagens desse tipo de conteúdo reverberaram na sociedade da época e sua influência até mesmo nos dias atuais. A jornalista Naomi Wolf (1992), por exemplo, diz que as revistas femininas acompanharam o avanço das mulheres e a simultânea evolução do mito da beleza, atuando como uma das forças principais no sentido de alterar os seus papéis, ao mesmo tempo em que emprestavam charme àquilo que o sistema econômico, seus anunciantes e, durante a guerra, o governo, precisavam obter das mulheres naquele momento.

Entendemos que, embora haja conceituações distintas, tudo o que foi apresentado até agora está intimamente relacionado a um mesmo fenômeno: as representações sociais. Para compreender melhor essa ideia, trazemos a definição do psicólogo social romeno Serge Moscovici (2003, p. 34):

As representações sociais [...] convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. [...] Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado.

A hegemonia das imagens de magreza e a rigidez das representações sociais se perpetuam inclusive nos espaços destinados à diversidade. As pesquisadoras Virgínia Martins e Fernanda Carrera (2024), ao analisarem o mercado *plus size*, notaram a utilização de padrões mesmo em um universo entendido como não padrão, com marcas reproduzindo o que é naturalizado no mercado de roupas não *plus size*. Essa imitação de padrões resulta na escolha de corpos que não representam a totalidade da comunidade gorda, mas sim os chamados “gordos menores”, servindo como um “limite de aceitabilidade estética e social”. Essa falha é chamada de “super inclusão”, em que apenas a estrutura de tamanho é considerada, ignorando as combinações de opressões e as “diferenças dentro das diferenças” (Martins; Carrera, 2024).

Dada a limitação de espaço, passaremos agora à noção de identidade – a qual acreditamos estar intimamente relacionada aos conceitos de corpo, imagem e representação elaborados acima.

2.2 Identidade como conceito

Um autor bastante referenciado nas discussões sobre identidade é, sem dúvidas, o jamaicano Stuart Hall. Para ele (1996, p. 109), a identidade não se trata de pensar o “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas sim “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Nesse sentido, defende que as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, portanto, devemos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações, práticas discursivas, estratégias e iniciativas específicas.

Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (Stuart Hall, 1996, p. 109).

Quem também estuda o assunto é o sociólogo espanhol Manuel Castells (2018), desenvolvendo uma teoria bastante interessante sobre diferentes tipos de identidade. O autor corrobora com Hall (1996) quanto à importância do contexto em que o indivíduo está inserido para pensar a ideia de identidade. Ele propõe, inclusive, a separação das noções de identidade e papéis, dizendo que a primeira organiza significados, enquanto a segunda organiza funções dentro da sociedade. O espanhol propõe três formas de construção de identidades – legitimadora, de resistência e de projeto – e essa noção contribui bastante para pensar a consolidação do movimento gordo na mídia.

De acordo com Castells (2018), a identidade legitimadora é promovida pelas instituições dominantes para consolidar sua autoridade sobre os atores sociais, buscando expandir e justificar sua dominação. Em contraste, a identidade de resistência surge entre indivíduos ou grupos que enfrentam marginalização ou estigma, construindo estratégias de resistência e sobrevivência que desafiam ou se opõem aos valores institucionais predominantes. Por outro lado, a identidade de projeto emerge quando atores sociais utilizam elementos culturais para criar novas identidades, redesenhando suas posições na sociedade e aspirando transformar a estrutura social como um todo.

O pesquisador também reflete sobre as estruturas de poder, defendendo a possibilidade de mobilidade entre elas, ou seja, nenhuma identidade é essencial ou estática, e seu valor progressista ou retrógrado é determinado pelo contexto histórico em que se desenvolve. Para ele, as identidades inicialmente voltadas para resistência podem evoluir para projetos ou até

mesmo se tornar dominantes, legitimando novos paradigmas sociais. A identidade de resistência desafia a opressão de forma coletiva, enquanto a identidade de projeto não apenas redefine indivíduos, mas também cria sujeitos sociais coletivos que buscam significado com a transformação da sociedade.

Podemos pensar o ativismo gordo sendo construído ao mesmo tempo como uma identidade de resistência e uma identidade de projeto. Como abordaremos adiante, o movimento não apenas busca a emancipação coletiva frente aos ideais de beleza, corpo e aparência, como luta por direitos essenciais de sobrevivência, visando modificar as estruturas sociais e garantir a cidadania roubada dos corpos gordos.

Essa identidade legitimadora que Castells (2018) coloca é uma problemática que a maioria – *senão todos* – os movimentos de ativismo enfrentam. Quando falamos de cultura, especialmente em se tratando do Brasil, não dá para desconsiderar a forma como fomos colonizados e como a cultura do norte global corroborou para a maneira com que nos vemos e enxergamos uns aos outros. Soa repetitivo dizer como a cultura ocidental se ancora em uma perspectiva branca, heteronormativa e magra como sendo o ideal – isso sem considerar todas as imposições de classe, gênero e capacitismo –, colocando à margem quaisquer que sejam os indivíduos que fujam do padrão. Em um estudo sobre corpos jovens e magros e suas representações na mídia, pesquisadores brasileiros corroboram com essa perspectiva:

A cultura contemporânea concentra na aparência uma diversidade de significados que adquire grande densidade no que diz respeito às relações humanas e ao mundo social. É no corpo que se dá a acomodação das sensações que posteriormente dará lugar como representação de si mesmo, as referências identitárias são enraizadas nas expectativas com respeito ao corpo. Considerando que a imagem corporal possui uma profunda ligação com a identidade do sujeito, o padrão estético amplamente divulgado pela mídia, capas de revistas e redes sociais influenciam, de forma direta e indireta, a necessidade da busca incessante de corpo e aparência perfeitos a fim de maior aceitação pessoal e social. A busca pela identidade pessoal é a encarnação de todo um complexo sistema de relações sociais presentes antes mesmo da existência do sujeito no mundo, portanto, é possível compreender que o corpo é um vetor importante para a construção da identidade do indivíduo, bem como, possui real importância para interação nos grupos sociais. (Fort; Skura; Brisolara, 2016, p. 1)

Ainda segundo esses autores, o contexto em que vivemos legitima a preocupação excessiva com o corpo, um medo patológico de ganhar peso e envelhecer. Esse receio de não estar “adequado” em termos de peso ou aparência, inclusive, pode influenciar na percepção de sucesso pessoal e profissional que muitas pessoas têm de si e das outras. Também colocam que a ênfase atual na beleza cria um ambiente sociocultural que justifica a busca por perda de peso e rejuvenescimento a qualquer custo, o que gera uma ansiedade generalizada e alimenta um mercado em expansão de cosméticos, produtos dietéticos e procedimentos cirúrgicos.

Apesar disso, há pessoas resistindo e construindo novas dinâmicas de existência e representação, consolidando uma identidade coletiva, contra hegemônica, forte e emancipadora. Isso é o que Martín-Barbero afirma sobre o papel das identidades socioculturais de atuar como forças materiais no desenvolvimento da história, capazes de se converterem em matrizes constitutivas de sujeitos sociais e políticos, ativos no enfrentamento de formações sociais já estabelecidas (Jacks; Schmitz; Wottrich, 2019). A seguir, vamos explorar mais a teoria desse autor, passando a pensar a identidade como uma mediação da cultura e centrando o corpo gordo nessa discussão.

2.3 Identidade como mediação

Para construir um trabalho mais completo, seria mais pertinente apresentar o percurso dos mapas que Martín-Barbero desenvolveu ao longo de sua vida; mas, muitos já são os estudos que se dedicam a explicar e aplicar esse modelo teórico-metodológico das mediações, por isso tomaremos a liberdade de ir direto ao ponto de interesse dessa discussão. Nesta parte do capítulo, vamos desenvolver a ideia de identidade como mediação, por isso, atravessada – e constituída – pelas instâncias da cultura e da comunicação.

Quando centra o momento presente, o pesquisador defende a ideia de que grande parte das identidades que vemos hoje são forjadas a partir de dispositivos tecnológicos, com modelos e padrões de comportamento que surgem de espaços muito diferentes daqueles de tempos atrás (Martín-Barbero, 2009). As pesquisadoras Lírian Sifuentes e Maria Catarina Chitolina Zanini (2019) desenvolvem esse pensamento colocando que as identidades culturais estão, inclusive, liderando muitos dos conflitos mais difíceis e complexos que encontramos hoje na sociedade. Contudo, assim como a busca por reconhecimento da identidade gera divisão e conflito, de igual forma promove laços sociais notáveis, afirmando-se para além das fronteiras nacionais, de gênero e idade, ou seja, reconfiguradas em tempos de redes.

Isso porque na América Latina e outras sociedades no processo de globalização, a cultura emerge como espaço estratégico das tensões que desintegram e integram o *estar juntos*, os novos sentido que adquire o laço social, e também como lugar de união e hibridização de todas as manifestações: “é a partir da diversidade cultural de histórias e territórios, de experiências e memórias, que a globalização não só resiste, mas negocia e interage e, em última instância, a transforma”⁵ (Martín-Barbero, 2004, p. 355, tradução

⁵ Originalmente, em espanhol: “De ahí que sea desde la diversidad cultural de las historias y los territorios, de las experiencias y las memorias, desde donde no sólo se resiste sino se negocia e interactúa con la globalización, y desde donde se acabará por transformarla”.

nossa). Seguindo esse raciocínio, o autor acredita que a demanda por reconhecimento e sentido é o que move as identidades como motor de luta – luta essa que não se dá apenas em termos econômicos e políticos, mas no núcleo mesmo da cultura, enquanto um modo de pertencer e compartilhar.

Entra em voga, então, outra mediação intrinsecamente ligada à noção de identidade: a tecnicidade. Essa pode ser compreendida parcialmente como a comunicação material, ou seja, os dispositivos e os meios os quais usamos para estar em contato uns com os outros. É de fato a parte técnica da cultura, relacionada aos “instrumentos da comunicação” *por assim dizer*, a citar a televisão, o rádio, o celular e o computador – e, claro, tudo isso engloba as mídias sociais, os blogs, os portais, os streamings... Mais do que adentrar cada um desses aparatos técnicos, Martín-Barbero nos convida a pensar os usos sociais dos meios, isto é, a maneira como os temos utilizados; *por quê, para quê e resultando em qual efeito* (Bonin; Morigi, 2019).

As reconfigurações promovidas pela mediação estrutural da tecnicidade revitalizam identidades e criam novas formas de emissão, recepção e circulação de conteúdos midiáticos, de acordo com Martín-Barbero (2006). Essa ideia, somada às reflexões até aqui apresentadas, corroboram para pensarmos a importância da representação positiva e da visibilidade na construção das identidades gordas. Ou seja, examinar como a produção e o consumo de conteúdos de determinado tipo podem contribuir para a forma como o sujeito enxerga – e representa – a si mesmo e aos demais.

Os pesquisadores brasileiros Agnes Arruda e Jorge Miklos (2020) fazem um ótimo trabalho nesse sentido, ao analisar os estereótipos relacionados às pessoas gordas em obras de ficção e elencam cinco tipos principais: *1. Alívio cômico, 2. Estepe para o personagem principal, 3. Personificação daquilo que é feio, repulsivo, patético, errado, 4. Eterna romântica e 5. O emagrecimento que transforma*. Eles elencam diversas personagens – em sua maioria femininas (FIG.1) –, explorando a forma como foram representadas nas telas e discutindo quais elementos refletem os estigmas e preconceitos associados a elas.

Figura 1: Algumas personagens citadas por Arruda e Miklos (2020)



Fonte: Compilado de elaboração própria a partir de imagens de divulgação das produções Friends (Warner Bros), Never Been Kissed (20th Century Fox), Rebelde (Televisa), Shallow Hal (20th Century Fox), Gilmore Girls (Warner Bros) e Minha Mãe É Uma Peça (Downtown Filmes).

Visitando esse estudo, pude me dar conta de que muitos dos filmes e séries citados eram alguns dos meus favoritos e, mesmo a gordofobia sendo um tópico que me incomodou durante toda a vida, não havia refletido a priori sobre como a representação dada a essas personagens gordas tinham moldado a minha própria forma de existir no mundo – a minha identidade. Além do mais, esse problema de representação negativa não se restringe à esfera da ficção. Ele se manifesta no jornalismo e na informação, onde o discurso se reveste de autoridade para oprimir. Uma análise crítica de plataformas digitais de notícias revelou que a mídia reporta o corpo gordo como sendo doente e predestinado ao sofrimento. Essa discursividade biomédica e a ênfase no "Emagrecer é a palavra de ordem" demonstram que a gordura é a tônica das representações sociais, deslegitimando o sujeito e suas múltiplas dimensões (Silva; Mezzaroba, 2024).

Tais *insights* abriram portas para que eu passasse a analisar com mais frequência quais conteúdos estava consumindo, quem eram as “influenciadoras” que eu seguia, quem eram minhas principais referências no mundo dentro e fora da internet. Constatei que estava cercada de “exemplos” ruins que nada condiziam com a forma como eu enxergo a vida e me coloquei a pensar quantas pessoas mais estavam sendo atravessadas por isso sem sequer se dar conta, acreditando fielmente que essas “escolhas” – os *usos sociais da mídia*, para colocar em outras palavras – não possuíam nenhum impacto significativo em suas vidas. Nesse sentido, como lembra Néstor García Canclini (1995), o consumo não se reduz a um ato

individual, mas constitui também um modo de nos localizar socialmente, de afirmar pertencimentos e de marcar diferenças. Assim, pensar o consumo cultural é compreender que ele participa da produção das identidades e das formas de estar no mundo, e não apenas da expressão de preferências pessoais.

Como mulher fora do padrão nascida nos anos 2000, cresci cultuando a magreza como se disso dependesse todo o meu sucesso e felicidade, já que por todo o lado que via, eram as pessoas magras as “donas da narrativa”. Nas comédias românticas que assistia, lá estavam as mocinhas pesando menos de 50kg a colecionar diversas experiências que eu desejava para mim, mas acreditava serem possíveis apenas às pessoas magras. Nos livros que eu lia, autores não mediam esforços para descrever os traços finos da personagem, ressaltando os ossos na clavícula ou no quadril, como se a falta de carne definisse a delicadeza. Nas revistas femininas (FIG.2), metade das páginas eram ocupadas por receitas, dietas, equipamentos e medicamentos que ofereciam uma fórmula milagrosa capaz de fazer você emagrecer.

Figura 2: Algumas revistas dos anos 2000



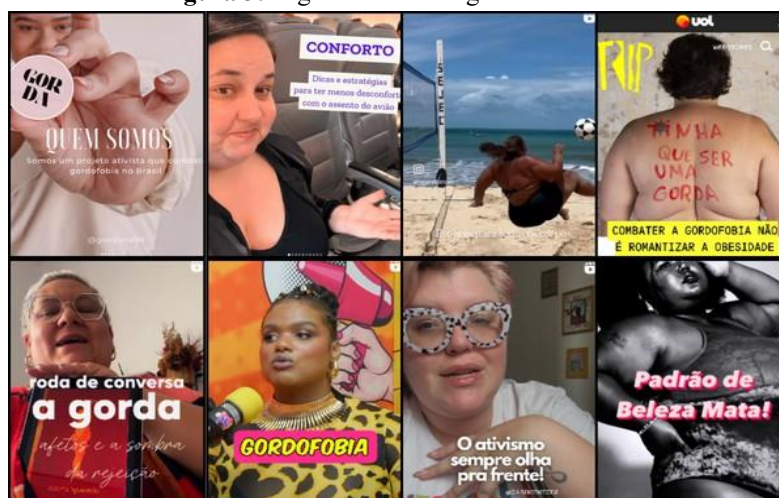
Fonte: Compilado de elaboração própria realizado a partir da busca da palavra-chave “revistas emagrecimento anos 2000” no Google, o qual mostra imagens de divulgação das revistas Capricho, Boa Forma, Dieta Já! e Pense Leve.

Embora pudesse dedicar páginas e páginas a falar sobre o que essa falta de representatividade na mídia impactou na minha relação com o meu corpo, com a minha alimentação, imagem e autoestima, aqui me interessa pensar de modo mais amplo: a maneira como ter contato com os movimentos de representação positiva do corpo pode ajudar a reconstruir a identidade. E, nesse sentido, atuam as produtoras de conteúdo dedicados ao ativismo gordo em mídias sociais como Instagram, TikTok e YouTube. Utilizando-se dos recursos dessas plataformas, essas agentes (FIG.3) discutem temáticas sensíveis ao grupo, sob

a perspectiva de apresentar um outro olhar, uma concepção mais generosa sobre o corpo se comparada às dinâmicas excludentes que nos perseguiu por tanto tempo. Em outras palavras, fazem ecoar a voz coletiva através da *autorrecuperação*.

Elas debatem a patologização do corpo gordo, sob a premissa de diversos profissionais – sobretudo na área médica – associá-lo de forma imediata a um corpo sem saúde; a falta de infraestrutura nos espaços públicos para acomodar pessoas de um certo tamanho – macas de hospitais, poltronas de ônibus e avião, carteiras nos centros de educação; a indústria da beleza com sua infinidade de métodos, procedimentos e fórmulas que insistem na lógica da magreza; a indústria da moda com os seus formatos pequenos – criando a sensação de que você não está adequada – ou então se aproveitando do mercado *plus size* para investir em peças superfaturadas e que de nada atendem às pessoas que precisam delas de fato... Enfim, uma lista de discussões potentes que visam um objetivo principal: a emancipação.

Figura 3: Algumas ativistas gordas brasileiras



Fonte: Compilado de elaboração própria realizado a partir do perfil do Instagram das produtoras de conteúdo Gordas na Lei (@gordanaei), Polly Marques (@viajagorda), Ellen Valias (@atleta_de_peso), Agnes Arruda (@tamanho grande), Jéssica Balbino (@jessicabalbino_), Bielo Pereira (@hellobielo), Gabi Menezes (@gabimenezes), Genize Ribeiro (@genizeribeiro).

A autonomia visada também é a cidadania almejada. Como veremos a seguir, mais do que apresentar uma perspectiva disruptiva sobre o corpo, o movimento gordo também é uma luta por justiça social, pela garantia de direitos essenciais. O corpo invisibilizado não é invisível. E é nessa lógica que a identidade atua. Ao se ver representado por pessoas como ele, o indivíduo se fortalece, se liberta e se empodera; adere a essa narrativa de inclusão, e isso vai aos poucos modificando toda uma estrutura de pensamento que lhe foi imposta sem talvez nem perceber. Em resumo, o que chamamos a atenção é para o protagonismo da identidade partilhada em tornar o corpo gordo visível.

Em uma entrevista realizada em 2002, a jornalista Diana Taylor questiona Martín-Barbero sobre os estudos de performance na América Latina e um trecho específico dessa conversa chama atenção: “O corpo é a mediação de tudo. [...] Mas também é uma fonte de subversão”. Esse pensamento está refletido em sua obra e conclui o que expomos aqui até o momento. Passamos agora para uma dimensão que caminha junto à identidade gorda, que é a cidadania almejada pelos movimentos ativistas do corpo.

3 Cidadania almejada: o ativismo gordo na luta por direitos essenciais

Diferentemente do tópico anterior, não traremos outros atores para discorrer sobre a cidadania; focaremos somente na ideia de mediação de Martín-Barbero pois acreditamos que sua formulação já seja suficiente para compreendermos o ativismo gordo na luta por direitos essenciais.

Na principal obra que utilizamos para a construção deste trabalho, os pesquisadores Jiani Adriana Bonin e Valdir Jose Morigi (2019) vão dissertar sobre os estudos de Martín-Barbero, dizendo que o autor reconhece que na América Latina, as comunidades culturais estão se tornando uma área-chave de reconstituição do significado, da reinvenção das identidades, da renovação dos usos de suas memórias e patrimônios, da conversão em espaços de articulação produtiva entre o local e o global – o que representam a emergência de novas figuras de cidadania que atuam e buscam constituir estratégias de empoderamento a partir do âmbito da cultura. Tais “cidadanias culturais” ao mesmo tempo em que inscrevem as “políticas de identidade” dentro da política da emancipação humana, também repensam profundamente o sentido da política (Martín-Barbero, 2009).

De acordo com Bonin e Morigi (2019), nas nossas sociedades, a relação entre o público e a comunidade atualmente passa pela mediação de imagens e, se por um lado, essa hegemonia da imagem espetaculariza a ação política e cidadã, por outro, realiza uma construção audiovisual do social; que, ao mesmo tempo, constitui uma visibilidade que reinscreve em seu campo o deslocamento da luta por representação para a demanda por reconhecimento. Também colocam que os novos movimentos sociais, mais do que ser representados, querem ser reconhecidos na sua diferença, pela renovação das formas de exercício político dos seus direitos.

Seguindo esse raciocínio, os autores chamam a atenção para a dificuldade das instituições liberais democráticas de acolher a diversidade cultural e destacam a necessidade de uma política de extensão de direitos para todos os setores da população. Isso vai de encontro ao que Martín-Barbero (2009) coloca sobre a comunicação ser uma dimensão constitutiva da vida

cultural, pois uma cultura só está viva quando é capaz de se comunicar, de ter trocas e interagir com outras culturas. E, tudo isso ganha mais força a partir da globalização. O fenômeno permite câmbios que ampliam a cidadania, vinculadas a mistura de povos, culturas, raças e gostos em um cenário de emergência social de outras cosmovisões que desafiam a hegemonia do racionalismo ocidental e a expansão das novas tecnologias da comunicação, sua progressiva apropriação por setores sociais subalternos e a consequência abertura de possibilidades para a construção de uma contra-hegemonia pelo mundo (Bonin; Morigi, 2019).

E por que não pensar o ativismo gordo enquanto uma cidadania cultural? A cidadania cultural, como proposta por Martín-Barbero, não se limita ao reconhecimento formal de direitos, mas envolve a capacidade de participar ativamente na criação e na interpretação da cultura. Logo, o ativismo gordo pode ser visto como uma prática de cidadania cultural porque busca redefinir a forma como os corpos gordos são representados e tratados na sociedade; ao invés de aceitar as normas dominantes que frequentemente marginalizam e estigmatizam pessoas gordas, o movimento propõe novas narrativas que celebram a diversidade corporal e promovem a inclusão. Isso vai além da reivindicação de direitos; trata-se de moldar a cultura de maneira que todos os corpos sejam reconhecidos e valorizados.

A cidadania atuante é a que se faz visível – materializa e encarna – nas performances: essas “artes em ação” que, saindo dos espaços e tempos da Arte, vira do avesso as memórias e as expressões culturais ao evidenciar que elas, mais que produtos, são experiências e que juntam memória e invenção (Martín-Barbero, *s.l.*). Isso é o que o ativismo gordo faz, utilizando os meios de comunicação, arte e cultura para desafiar representações negativas e criar novas imagens e narrativas que afirmam a dignidade das pessoas gordas. Desde “simples” postagens nas mídias sociais até campanhas de mídia, eventos culturais e produções artísticas, o movimento gordo está demarcando experiências e corpos que, tradicionalmente, foram invisibilizados e representados de maneira negativa em filmes, séries, programas de TV, novelas, canais jornalísticos, nas redes sociais e na mídia como um todo.

O movimento gordo enfrenta o desafio de lutar contra uma hegemonia cultural que despoja o corpo gordo do direito de ser visto e ouvido, o equivalente a existir socialmente, o que configura uma forma flagrante de exclusão cidadã, tanto a nível individual como coletivo (Bonin e Morigi, 2019). Assim como as lutas raciais, de gênero, orientação sexual e ecológica etc., o ativismo gordo está construindo novas formas de pertencimento e identidade que desafiam e expandem o entendimento tradicional de cidadania e provando que novas estruturas sociais – mais emancipatórias e inclusivas – podem emergir a partir da contestação das normas estabelecidas.

Ativismo é, senão garantia, ao menos exercício da democracia. Isso porque esse tipo de movimento promove a inclusão, a empatia, a diversidade, a participação ativa e o respeito. O movimento gordo assinala isso ao exigir representação justa e participação de pessoas gordas em todos os aspectos da vida social, desde os anos iniciais da educação até o mercado de trabalho. Isso implica não apenas em ter mais representações positivas dos corpos, mas também em garantir que pessoas gordas tenham oportunidades equitativas e sejam tratadas com dignidade e respeito em todos os lugares que escolham ocupar. Aliás, é nesse enfrentamento da invisibilidade que se reconfigura as bases culturais e sociais sobre as quais a cidadania é construída. Pois, ao criar um ambiente onde novas formas de ser e viver são reconhecidas e respeitadas, a inclusão deixa de ser um ideal, passando a ser uma prática cotidiana.

Como bem observado por Rincón (2018), a era do *Eu comunico, logo existo!* permite que as pessoas existam estética e narrativamente, com expressividade amplificada, o que significa ser alguém para alguns outros em sua rede social, com visibilidade sem compromisso, mas que importa muito para aqueles silenciados. Dessa forma,

os novos movimentos e as novas sociedades descobrem a diferença como elemento e espaço de aprofundamento da democracia. A luta contra a injustiça é às vezes a luta contra a discriminação social e a exclusão cultural. O que equivale a construção de um novo modo de ser cidadão que possibilita a cada homem e a cada grupo reconhecer-se nos demais, condição indispensável da comunicação. (Bonin; Morigi, 2019, p. 152).

A cidadania, então, reforça o sentimento de pertencimento à comunidade e isso é muito valioso para as pessoas que tiveram sua existência invalidada no espaço social e, principalmente, no âmbito da mídia. Como discutido no tópico 2.2, as representações sociais são uma esfera muito importante para a forma com que o indivíduo se relaciona consigo mesmo e, quando não se veem nas produções audiovisuais – ou quando isso acontece, é feito de maneira estereotipada e preconceituosa – é comum que constituam identidades negativas a despeito de si. Por isso, seguir referências de representação positiva dos corpos – seja acompanhando produtores de conteúdo nas mídias sociais, lendo estudos ou consumindo podcasts sobre o assunto – é tão imprescindível. Cercar-se de exemplos de luta e empoderamento pode ser uma das principais armas contra a gordofobia.

Vale destacar que, embora nosso foco se dê nos veículos de comunicação, a problemática da gordofobia inicia e sofre manutenção nos espaços físicos, quando por exemplo, o sujeito sente-se deslocado de ambientes de lazer e interação por conta da sua aparência ou então quando deixa de se vestir da forma como gostaria – ou seja, praticar a sua personalidade – por não encontrar roupas que vista corpos maiores. Por se tratar de um

trabalho que se inscreve na área da Comunicação, ancoramos a discussão dos ativismos em relação com a mídia, pois, tal como Martín-Barbero, acreditamos na potência das técnicas em moldar as cidadanias, as identidades e, por conseguinte, a cultura.

4 Considerações finais

Diante de tudo que discutimos aqui, reflito que o ativismo gordo, quando examinado em diálogo com a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero, se revela um fenômeno profundamente ligado às questões de identidade e cidadania. Este estudo mostrou que a luta do ativismo gordo não se limita a um simples desejo de visibilidade, mas se consolida na busca ativa para redefinir e expandir a compreensão de identidade em uma sociedade que frequentemente marginaliza corpos fora do padrão.

Ao refletir sobre os conceitos de identidade, imagem, corpo e representação, percebemos que o ativismo gordo está desafiando os estigmas e barreiras impostos por uma estrutura social excludente, que limita a participação plena de pessoas com corpos gordos nos espaços sociais e na mídia. Esse ativismo vai além da resistência simbólica e busca transformar práticas e estruturas institucionais que frequentemente negam o espaço e os direitos dessas pessoas.

Além disso, é possível considerar, à luz de Canclini (1995), que o ativismo gordo atua também sobre a dimensão do consumo cultural, que não se reduz a um ato individual, mas constitui um espaço em que a cidadania se exerce simbolicamente. Ao criar referências, narrativas e conteúdos alternativos, o movimento oferece oportunidades para que pessoas gordas se reconheçam, se posicionem criticamente e participem de um circuito de pertencimento e de direitos simbólicos. Dessa forma, a visibilidade conquistada pelo ativismo não se limita à exposição midiática: ela amplia condições para a cidadania cultural, reforçando a importância de acesso, informação e participação nos processos culturais que moldam identidades e relações sociais.

Refletir sobre a importância da representação positiva e da visibilidade nos ajuda a entender como a construção de identidades gordas é crucial. A visibilidade na mídia e a representação inclusiva não apenas ajudam a legitimar e valorizar esses corpos, mas também são instrumentos essenciais na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Com esta pesquisa, percebo que, ao alinhar a teoria das mediações com a prática do ativismo gordo, estamos contribuindo para uma discussão que não só ilumina as questões em jogo, mas também amplifica as vozes e as demandas por transformação social.

Em resumo, meu objetivo foi entender como as resistências articuladas pelo ativismo gordo podem ser lidas através das lentes das mediações. Essa reflexão nos ajuda a compreender que além de político, os movimentos de ativismo também são culturais, pois estão construindo novas práticas comunicacionais e consolidando novas narrativas de empoderamento. Destaco, portanto, a necessidade contínua de crítica e ação para promover uma representação mais equitativa e verdadeira na mídia. Enquanto pesquisadora e comunicadora, reforço a urgência de que mais profissionais da área aliem-se à causa e encarem a importância do combate à gordofobia nos espaços digitais.

Embora este estudo tenha oferecido novas perspectivas sobre o ativismo gordo, é apenas uma aproximação, uma tentativa inicial de examinar o movimento a partir da cultura. Tenho me adentrado nos estudos culturais e decoloniais desde a América Latina, pois acredito que eles oferecem uma lente mais próxima da cultura brasileira e refletem a comunicação do nosso país. Em outro trabalho, explorei a relação entre o conceito de “cultura bastarda” cunhado pelo pesquisador colombiano Omar Rincón (2016) e o ativismo gordo enquanto um exemplo disso. Ainda na perspectiva do autor, me interessa desenvolver mais a ideia de “cidadanias celebrities”, uma conceituação rica que possui vários pontos em comum com o meu objeto de interesse.

Dentro das mediações de Martín-Barbero, é possível pensar o ativismo na ótica das espacialidades, das tecnicidades, das sensorialidades e das temporalidades, por exemplo, algo que não foi possível desenvolver aqui, dado os limites do artigo. Para além da discussão teórica, é possível aplicar a metodologia do cartógrafo mestiço para analisar um objeto específico, já que as mediações vão muito além de uma teoria. Futuras pesquisas também poderiam explorar a interseção entre ativismo gordo e outras formas de ativismo social, bem como investigar como diferentes contextos culturais influenciam as práticas de resistência e inclusão.

De forma geral, a luta por um espaço mais justo e representativo para corpos gordos é um reflexo das mudanças sociais em curso e da necessidade contínua de revisar e transformar nossos conceitos de identidade, tecnicidade e cidadania. Ao articular a perspectiva de Canclini, percebe-se que a cidadania também se constrói nos modos como nos apropriamos do consumo cultural e das mídias, tornando a ação do ativismo gordo uma estratégia que amplia oportunidades de reconhecimento, pertencimento e participação crítica. À medida que avançamos para uma sociedade mais inclusiva, é fundamental que continuemos a questionar e desafiar as normas estabelecidas, garantindo que todas as vozes e corpos sejam reconhecidos e valorizados.

Referências

- ALMEIDA, M. **Teoria é cura**: voz e autorrecuperação em bell hooks. Medium, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://marileaalmeida.medium.com/teoria-%C3%A9-cura-voz-e-autorrecupera%C3%A7%C3%A3o-em-bell-hooks-dec2e916e31c>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- ARRUDA, A.; MIKLOS, J. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **Revista Líbero**, São Paulo, ano 23, n. 46, p. 114-124, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/download/1116/1151>. Acesso em: 26 mar. 2023.
- BAITELLO JUNIOR, N. **A era da iconofagia**: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAITELLO JUNIOR, N. Comunicação, Mídia e Cultura. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n. 4, out./dez. 1998.
- CANCLINI, N. G. El consumo sirve para pensar. In: CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos**: conflictos multiculturales de la globalización. México: Grijalbo, 1995. p. 41-55.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**: a era da informação. Tradução: Klaus Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. v. 2.
- CONSTANTINO, N. Estudo mostra que corpos gordos não são representados à proporção de sua presença na sociedade nas redes sociais de grandes marcas no Brasil. **Elife Blog**, 3 jun. 2022. Disponível em: <https://elifelife.com.br/index.php/2022/06/03/estudo-mostra-que-corpos-gordos-nao-sao-representados-a-proporcao-de-sua-presenca-na-sociedade-nas-redes-sociais-de-grandes-marcas-no-brasil/>. Acesso em: 30 set. 2025.
- FORT, M.; SKURA, I.; BRISOLARA, C. Corpos jovens e magros: imposições midiáticas, pressões sociais, angústias pessoais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0519-1.pdf>. Acesso em: 8 maio 2023.
- GUARESCHI, P. A. Ideologia. In: JACQUES, M. G. C. *et al* (org.). **Psicologia social contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 89-104.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 103-133.
- HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução: Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- JACKS, N.; SCHMITZ, D.; WOTTRICH, L. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones CIESPAL, 2019.
- MARTÍN-BARBERO, J. **As formas mestiças da mídia**. [Entrevista cedida a] Mariluce

Moura. Pesquisa Fapesp, 2009. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em: 1 ago. 2024.

MARTÍN-BARBERO, J. **Cidadanias em cena**: performance, política e direitos culturais. New York: Instituto Hemisférico de Performance e Política, [s. d.]. Disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/enc09-academic-texts/item/679-staging-citizenship-performance-politics-and-cultural-rights.html>. Acesso em: 1 ago. 2024.

MARTÍN-BARBERO, J. **O que são os estudos da performance?** [Entrevista cedida a] Diana Taylor. New York: Hemispheric Institute, 2002. Disponível em: <https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/jesus-martin-barbero-portuguese>. Acesso em: 1 ago. 2024.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidade da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 51-78.

MARTINS, V.; CARRERA, F. Corpo gordo, gênero e moda: uma análise dos corpos femininos e masculinos fora do padrão nas marcas de moda. **Revista dObras**, Porto Alegre, n. 41, p. 195-217, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1757>. Acesso em: 30 set. 2025.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução: Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

REZENDE, T. **Mapeamento da gordofobia no Brasil**. [S. l.]: Fora dos Rótulos, 2022. 22 p. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/mapeamento-da-gordofobia-no-brasil>. Acesso em: 30 set. 2025.

SILVA, J. G.; MEZZARROBA, C. O fenômeno gordofobia em plataformas digitais brasileiras de notícias: uma análise crítico-reflexiva e problematizadora. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/o-fenomeno-gordofobia-em-plataformas-digitais-brasileiras-de-noticias-uma-analise-criticoreflexiva-e-problematizadora/19417>. Acesso em: 30 set. 2025.

VALIM, C. C. **Moda plus size em governamentalidade**: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: sites.uem.br. Acesso em: 16 fev. 2026.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Data de submissão: 07/04/2025

Data de aceite: 08/12/2025